



Globalização, Comunicação e Revanche¹

Roldão Alves de BARROS JUNIOR²
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

A web trouxe novas possibilidades para quem quer e precisa ter voz. Grupos que tinham representação midiática apenas por meio de canais de comunicação locais e caros, passaram a enxergar uma nova possibilidade de comunicação sem fronteiras geográficas. Como resultado, novos assuntos têm entrado na pauta da grande mídia e grupos de comunicação tem procurado atender, também, essa audiência. O presente artigo traz questões que ficam aparentes quando pensamos as consequências e reflexos da globalização no início do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: globalização; comunicação; mídia alternativa; web; LGBTTT;

INTRODUÇÃO

A globalização trouxe, também, a exclusão. Se novas possibilidades foram imaginadas a partir da realidade capitalista contemporânea – global, conectada, veloz – elas implicaram, inevitavelmente, na manutenção de *satus quo*, ao passo de que são poucos os favorecidos, geralmente os que já integravam a elite. Amplificou, ainda, a segregação, de forma que a minoria majoritária se “grupalizou” – foi dividida em grupos menores e mais específicos – ao ponto de encontrarmos ativistas de praticamente qualquer causa em qualquer lugar do mundo. Apesar disso tudo, a globalização possibilita um contraponto: ela traz, também, as ferramentas que permitem a ampliação da voz dessas minorias. Mesmo estando mais divididas, elas conseguem gritar mais alto e para mais gente agora.

Milton Santos (2001) classifica a globalização capitalista como perversa, onde o reinado do capital deixa um rastro de abusos, exploração e miséria por onde passa. Mas, apesar disso, reconhece que as bases técnicas utilizadas podem ser adaptadas para outros fins.

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2014. Escrito originalmente para a disciplina de Teorias da Comunicação II, da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás, com orientação da Profa. Dra. Lindsay Borges.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do curso de Relações Públicas da FIC-UFG e graduado em Jornalismo pela PUC Goiás, email roldao.junior@gmail.com



Essa adaptação é fundamental para o que o autor chama de “revanche” ou vingança das minorias. Trata-se da produção e amplificação de um discurso através dos meios técnicos antes exclusivos de quem detinha o poder.

É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos acima. Mas, essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas ao serviço de outros fundamentos sociais e políticos. Parece que as condições históricas do fim do século XX apontavam para esta última possibilidade. Tais novas condições tanto se dão no plano empírico quanto no plano teórico (SANTOS, 2001, p.20).

Muitas dessas oportunidades tecnológicas surgiram após a chegada da internet comercial e da popularização de seu acesso. Grupos que já transmitiam seus discursos por meio de rádios comunitárias e piratas, *fanzines*, jornais de bairro etc., atingem, hoje, mais gente por conta da abrangência da web. A distribuição, que antes era cara, pôde ser barateada com a utilização de plataformas on-line de distribuição e publicação, como blogs, sites, rádios on-line, canais de vídeos independentes etc.

Essa nova realidade parece dialogar com o que Pierre Lévy (2005) conceitua como ciberdemocracia. O termo representa a existência de uma comunidade de direitos no ambiente virtual. As pessoas utilizam as ferramentas disponíveis para contribuir socialmente e dialogar com seus pares, além de expor suas ideias, insatisfações e denúncias. A web é um ambiente de debates, discussões, construção de discursos e de liberdade, portanto. Uma nova esfera pública:

As mídias interativas e as comunidades virtuais desterritorializadas abrem uma nova esfera pública em que floresce a liberdade de expressão. A internet propõe um espaço de comunicação inclusivo, transparente e universal, que dá margem à renovação profunda das condições da vida pública no sentido de uma liberdade e de uma responsabilidade maior dos cidadãos. (...) O desenvolvimento do ciberespaço já suscitou novas práticas políticas. São os primeiros passos da ciberdemocracia (LÉVY, 2005, p. 367).

Lévy defende que a diversidade informacional e a liberdade de expressão continuam a aumentar rapidamente, o que, em partes, justifica a ampliação da “revanche” das minorias pensada por Milton Santos. Se qualquer pessoa pode se atrever a contestar os



conteúdos lançados pela mídia e difundir de forma mais ampla os discursos presentes, anteriormente, apenas em folhetins lidos por ativistas, então os grupos antes isolados têm mais chances de serem ouvidos.

Sendo um desses grupos, o conjunto LGBTTTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros – passou a comunicar, não somente por meio de ONGs e sindicatos. Parte dos cidadãos pertencentes à comunidade ou comuns à causa começaram a criar iniciativas de manifestação na rede, como blogs, sites e fóruns de discussão.

NOVAS PAUTAS

As novas possibilidades trouxeram, também, mais canais de informação. Conteúdos sobre política, economia, cultura, moda, tecnologia etc. passaram a ser traduzidas para a comunidade, que comunica trazendo pontos desconsiderados pelos meios tradicionais de mídia. Importantes canais de denúncia e vigilância também foram estabelecidos e ampliados. As novas possibilidades trouxeram a esperança de mais informação, diversidade e engajamento. Como consequência do sucesso de audiência, pautas começaram a sair da agenda LGBTTTT e invadir os grandes veículos de imprensa.



À esquerda o site A Capa (www.acapa.com.br), do lado direito o site iGay (igay.ig.com.br), parte integrante do portal IG (www.ig.com.br), um dos mais acessados do Brasil.



Aqui vamos analisar rapidamente dois endereços eletrônicos voltados para este público. O primeiro, que teve início independente e pensado para a comunidade, é o Acapa. Em meio a matérias sobre política, cultura e estilo de vida, estão chamadas sobre sexo e propagandas ousadas voltadas para o público masculino. Após alguns anos, o site foi incorporado ao portal Vírgula, pertencente ao Universo On-line (UOL); Já o segundo é uma iniciativa recente do portal IG, um dos maiores da internet brasileira. O iGay, como é chamado, nasceu para atender a demanda jornalística para tal público. Apesar de a ideia não ser nova, o iGay possui o diferencial de desenvolver pautas de interesse da comunidade LGBTTTT que também atraem a atenção dos leitores de outras comunidades. O foco do site não está na linguagem, mas sim nas escolhas de pautas e na abertura das matérias para a visão dos homossexuais. Muitas de suas matérias são publicadas na página inicial do portal.

A força que sites como o iGay têm adquirido são explicados pela credibilidade que a imprensa ainda possui. Essa ideia tem sido mudada, contudo, nos últimos anos por conta das ausências da mídia, que tem sido constantemente “desmascarada” por movimentos de mídia independente ou pelos próprios internautas mais engajados. A postura de silêncio ou de “meias-verdades” da mídia tradicional, por conta de suas relações políticas e econômicas atualmente essenciais para sua manutenção, incomoda e muito quem não se sente representado por ela, defende o jornalista e professor Marcio de Souza Castilho em artigo publicado no Observatório da Imprensa:

Outras formas alternativas de produção jornalística na perspectiva da comunicação como direito e não simplesmente como negócio comercial começam a ganhar espaço na web. (...) A publicidade estatal ou proveniente do capital privado sempre exerceu influência sobre o conteúdo noticioso, ceifando pautas que contrariassem interesses políticos e econômicos de grupos dominantes na sociedade. Papel custa caro, e espaços de jornais e revistas são ocupados por anúncios em detrimento de boas histórias. (CASTILHO, 2013, disponível on-line).

Apesar de grandes veículos de mídia terem começado a introduzir pautas agendadas pela mídia alternativa, e, em muitos casos, até incorporado esses sites como editorias e partes de seus grupos de comunicação, fazendo com que eles sigam a mesma lógica mercadológica, a parcialidade disfarçada da grande mídia ainda faz com que suas pautas



deixem muita coisa passar. Reivindicações, denúncias e acompanhamentos podem parecer desinteressantes pelos valores-notícia levados em conta pela mídia tradicional. Nesse sentido, a mídia-alternativa desempenha papel decisivo para tornar público fatos importantes para a comunidade e gerar debates entre os seus integrantes, para que esses mesmos debates sejam levados para outros grupos – a “revanche” assinalada por Milton Santos (2001).

Com valores-notícia diferenciados, que não levam em conta a audiência mercadológica, que gera lucro para os grupos de comunicação, a mídia alternativa e também a independente dissemina informações tratando a comunicação como direito desses cidadãos geralmente excluídos. São importantes veículos de informação e de monitoramento da sociedade. Por meio deles podemos ter acesso a informações comuns a todos e outras que dificilmente encontraríamos no noticiário padrão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível olhar, então, para Milton Santos (2001) e Pierre Lévy (2005), grandes pensadores da democracia, e concordar que a globalização contribuiu, também, para a quebra de mais essa fronteira – a da informação. Ainda não parece efetivo, porém, o acesso. A transição atual da sociedade e os altos níveis de desigualdade espalhados ao redor do mundo fazem com que nem todos tenham direito a tais ferramentas. O número dos que têm, porém, vem aumentando, e questões antes ignoradas têm sido ouvidas, mesmo que por conta dos gritos dos internautas-militantes.

O desafio do século é utilizar também – e não somente, obviamente – essas novas possibilidades e esse novo poder de voz conquistado para o estabelecimento de uma democracia de direitos plenos, de uma nova globalização, mais justa e menos egoísta.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6a. edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

LÉVY, Pierre. **Pela ciberdemocracia**, in Dênis de Moraes (org.), *Por uma outra comunicação – mídias, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2005.



CASTILHO, Marcio de Souza. **A mídia alternativa em tempos digitais**. Disponível em
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed771_a_midia_alternativa_e_m_tempos_digitais>. Acesso em: 9 dez 2013.